

NORBERTO ÁVILA

algun teatro

II

Viagem a Damasco

Do Desencanto à Revolta

Os Deserdados da Pátria

Florânia ou A Perfeita Felicidade

D. João no Jardim das Delícias

Título: Algum Teatro
Vol. II

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1659-8

Depósito legal: 294 430/09

NORBERTO ÁVILA

algun teatro

II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

FLORÂNIA
OU A PERFEITA FELICIDADE

(1983)

Peça escrita em 1983, acedendo ao convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou, com encenação de Moncho Rodriguez. A primeira publicação (Signo, Ponta Delgada, 1990) foi subsidiada pelo Fundo de Apoio à Edição de Autores Portugueses da Associação Portuguesa de Escritores. (Ver outras informações eventualmente interessantes sobre os trabalhos dramaturgico e de encenação deste espectáculo em «Apresenta-se o Autor com as Suas Peças», à maneira de Introdução, no vol. I desta colectânea.)

FLORÂNIA OU A PERFEITA FELICIDADE

Comédia dramática em 2 partes

Personagens:

PIAUTÍNIO (45 anos), um actor desiludido
ANTIFONA (65 anos), proprietária da ilha Florânia
JÔNIA (22 anos), criada de Antifona
CANTÁRIDA (27 anos), pintora e escultora
MAIINEUS (60 anos), livreiro
NANDRO (45 anos), cozinheiro de hotel
SILVANA (25 anos), estudante universitária
CARMÊNIO (25 anos), oficial de marinha mercante



Participando nos sete jogos dramáticos incluídos na peça, estas personagens primordiais mantêm, normalmente, os seus próprios nomes. Pequenas alterações de indumentária ajudam a caracterizar as diversas figuras.

A acção decorre num país indeterminado. Mais concretamente, numa suposta ilha — Florânia —, a pouca distância da orla marítima, frente à cidade de Zargos.

Mais conveniente, como cenário, um espaço parcialmente aberto (um dos lados e metade do fundo, por exemplo). De modo que, no espaço restante, sejam simultaneamente visíveis aspectos do exterior e do interior da única casa existente em Florânia. Trata-se de um antigo e modesto convento, de paredes brancas, adaptado a residência. Arcos de alvenaria, dos quais podem sair, no momento oportuno, praticá-

veis com elementos de cenografia referentes às cenas de interior e uma ou outra peça de mobiliário. No espaço lateralmente oposto, uma mesa e algumas cadeiras de jardim.

I PARTE

1

Uma sala do pequeno convento de Florânia, residência de Antifona. Sobre uma mesa, um candelabro de estanho, com uma ou mais velas acesas. Junto da janela, Antifona, de pé, assistindo ao impressionante espectáculo duma noite tempestuosa.

Como sugestão de ambiente sonoro, a fúria dos elementos: vento, chuvarada, trovões, bater furioso de vagas.

Entra a criada Jônia, com outro candelabro aceso.

ANTIFONA — Santa Bárbara nos proteja! Que isto não é tempo para tais desmandos! Pois não estamos às portas da Primavera?

JÔNIA (*pousando o candelabro sobre a mesa*) — Tem razão, minha senhora. Estamos a 4 de Março.

ANTIFONA (*dirigindo-se para a mesa*) — As estações do ano parecem desavindas. (*Senta-se, para continuar a lançar as cartas de taró.*) Diz o Inverno que quer usar chapéu de palha, com raminho de margaridas. (*Lançando cartas.*) E a Primavera, que prefere andar de capote e guarda-chuva.

JÔNIA — () Diabo que os separe, com um par de açoites em cada um. (*Sentando-se à mesa.*) Não desfazendo no seu gracejo, minha senhora, mais curiosa ainda é a opinião da minha avó. Deus a guarde, com os seus 80 anos, que os vai fazer no fim do mês.

ANTIFONA — A Roda da Fortuna! Mudança favorável. Ou êxito fortuito. (*Reparando melhor na combinação das cartas.*) Talvez, até, procura de homem. — Mas o que diz a velhota?

JÔNIA — Quando a fui visitar a última vez — também as estações andavam como agora, a modos que baralhadas — saiu-se ela com esta: «Fica sabendo que o tempo ficou assim desconcertado desde que os homens se atreveram a ir escarafundar na Lua.»

(Antífona solta uma sonora gargalhada, logo interrompida ao reventar de um trovão.)

ANTIFONA — Santa Bárbara Virgem!

JÔNIA *(levanta-se e vai até à janela)* — De Zargos não se vê o mínimo sinal. A cidade ficou completamente às escuras. Só resistiram, no porto, as luzinhas vermelhas.

ANTIFONA — Tal seria o desarranjo!

JÔNIA — Uma avaria das grandes. Se em mais de duas horas não a conseguiram reparar. Só amanhã se há-de saber o que realmente se passou.

ANTIFONA — Deus queira que isto se recomponha. Que amanse este mar que nos separa do mundo. — E cá está o arcano maior possivelmente mais intrigante, Jônia: o Eremita! *(Procurando interpretar-lhe o significado.)* Desajustamento social. Busca de paz interior.

JÔNIA — O jornal teria publicado o anúncio?

ANTIFONA — Pois não o viste? Saiu na edição de anteontem. *(Abre a gaveta e retira um jornal dobrado. Desdobra-o e procura o anúncio.)*

JÔNIA — Foi pouca sorte, na verdade. Logo o tempo se transtornou. Com o mar neste estado, ninguém ousaria atravessar o canal.

ANTIFONA *(lendo)* — «Ilha Florânia. Com antigo pequeno convento, ótimo edifício, possível adaptação estalagem. Vende-se, preço razoável. Trata-se próprio local.» *(Dobra o jornal e volta a metê-lo na gaveta.)*

JÔNIA — Parece-me bem. Oxalá dê resultado.

ANTÍFONA — Estou decidida a insistir, com alguns dias de intervalo, até que os interessados comecem a aparecer. E que, entre eles, algum se decida pelo negócio.

(Relâmpago e trovão.)

ANTÍFONA — Senhora Santa Bárbara, afastai de nós este perigo!

JÓIA *(ri-se)* — Isto passa.

ANTÍFONA — De que te ris, rapariga? Com a morte à nossa espreita? Deus nos mantenha na sua divina graça. Para não sermos surpreendidos pelo terrível castigo das penas eternas.

JÓIA — E se fôssemos para «vale de lençóis», minha senhora?

ANTÍFONA — Já?

JÓIA — Que melhor sítio haverá para esquecer a tempestade?

ANTÍFONA *(levantando-se)* — Ainda vou rezar o meu terço. *(Toma um dos candelabros.)*

JÓIA — Outra vez?

ANTÍFONA — Outra vez.

JÓIA — Boa noite, minha senhora.

ANTÍFONA — Boa noite, Jónia.

(Saem ambas, por lados diferentes.)

Sugere-se, com os recursos da sonorização, o progressivo afastamento da tempestade e a aproximação da bonança.)

2

No dia seguinte. A mesma sala. Por uma porta e uma janela, abertas de par em par, entra o sol da manhã. Ouve-

-se a grazinada das gaiivotas e, aproximando-se, pouco a pouco, o ruído dum pequeno barco a motor.

ANTÍFONA, nos umbrais da porta, de binóculos assestados para as bandas do mar.

ANTÍFONA — Não há dúvida. Temos visitante. Em boa hora põha ele o pé nesta ilha, e nesta casa. *(Pausa.)* Mas será alguém conhecido? Hum... Não me parece. Estranho personagem, se a vista me não atraíça. *(Ou esta geringonça (baixando os binóculos), que já era do meu avô. (Deixa o aparelho sobre a mesa e põe-se a passear de um lado ao outro. Finalmente, paragem do motor do barco. Ela abre a gaveta da mesa e retira o seu tricô, de um vermelho intenso. Sentada, disfarça com o trabalho o seu nervosismo.)*

(Entra Plautínio, acompanhado de Jônia, que traz um cesto, uns embrulhos, uns jornais, um maço de correio.)

PLAUTÍNIO — Muito bom dia, minha senhora.

ANTÍFONA *(fingindo-se surpreendida)* — Ah, temos visita. *(Levanta-se, agora realmente surpreendida, pois acaba de o reconhecer.)*

PLAUTÍNIO *(indo-lhe ao encontro e apresentando-se)* — Plautínio.

ANTÍFONA *(guarda o tricô e estende-lhe a mão)* — Antí-fona.

PLAUTÍNIO *(apertando-lhe a mão, respeitosamente)* — Muito prazer.

ANTÍFONA — Muito prazer. Que nunca julguei ter a honra de o ver nesta minha casa. Quase sempre o tenho visto na televisão. Menos vezes no cinema e no teatro. Zargos, sendo aqui em frente, é para mim o fim do mundo. Desde que faleceu meu marido — Deus lhe dê o descanso eterno! — rarissimamente vou à cidade. Mas queira ter a bondade de sentar-se.

PLAUTÍNIO (*sentando-se*) — Obrigado.

ANTÍFONA — Posso oferecer-lhe um chá tailandês?

PLAUTÍNIO — Accito, de boa vontade.

ANTÍFONA — Jónia, um chazinho. E uns biscoitos daqueles que eu fiz a semana passada. Receita da tia Malvina.

JÓNIA — Sim, minha senhora. E aqui tem o correio. (*Colocá-lo sobre a mesa.*)

ANTÍFONA — O Cristóvão Colombo trouxe as encomendas?

JÓNIA — Aqui estão. (*E vai saindo.*)

ANTÍFONA — O que nos vale é este marinheiro. O velhote que o veio trazer no barco. Chamamos-lhe Cristóvão Colombo. Por amizade, claro está.

PLAUTÍNIO — Pois esta minha visita, como deve calcular, relaciona-se com o seu anúncio.

ANTÍFONA — Assim pensei, logo que o vi. E seja bom vindo.

PLAUTÍNIO — Obrigado.

ANTÍFONA — Estou certa de que nos vamos entender.

PLAUTÍNIO — Oxalá.

ANTÍFONA — Antes de darmos uma volta pela casa, para se inteirar bem do seu valor, sempre lhe quero dizer porque me decidi a vendê-la.

PLAUTÍNIO — A casa e a ilha, naturalmente.

ANTÍFONA — Exacto. Como talvez saiba, meu marido — Deus o tenha num bom lugarinho — era um etnólogo de prestígio internacional. E, nos últimos anos da sua existência, andou aí por esse mundo, recolhendo informações para os seus livros.

PLAUTÍNIO — Conheço alguns.

ANTIFONA — *Ritos Matrimoniais dos Balifundos?*

PLAUTÍNIO — Notável.

ANTIFONA — É também um dos meus preferidos. Esses muitos objectos de arte que aí vai encontrar foram recolhidos por ele. Só as imagens dos santos é que não, que estas já cá estavam no convento, quando o comprámos. Mas deve ter conhecimento do lamentável desfecho, da trágica morte de meu marido.

PLAUTÍNIO — Sim. Foi em África, creio.

ANTIFONA — Em África. Andava ele com a tribo dos Teruugas, cujos hábitos alimentares eram então, para ele, objecto de aprofundado estudo. Mas não chegou a acabar a obra. Comeram-no, entretanto, os ditos Teruugas. (*Enxuga supostas lágrimas.*) Assado, segundo me disseram. Com molho à cafreal.

PLAUTÍNIO — Um tristíssimo acontecimento, na verdade.

(*Um pesado silêncio.*)

PLAUTÍNIO — Mas, se me permite, conversemos um pouco sobre o nosso assunto.

ANTIFONA — Vamos a isso.

PLAUTÍNIO — O recheio da casa?

ANTIFONA — O recheio da casa, como vai ter ocasião de ver, é riquíssimo. Em princípio, salvo melhor decisão, proponho-me vendê-lo ao Museu do Homem, de Paris.

PLAUTÍNIO — Peço-lhe que não tome nenhum compromisso, por enquanto.

ANTIFONA — O quê? Estaria interessado em gongos, marimbas e xilofones, máscaras rituais e trajes de monges budistas, e coisas do género?

PLAUTÍNIO — É possível. Mas veremos. Tudo depende do preço.